

BC em queda-de-braço

CLAUDIA SAFATLE

BRASÍLIA – Testado o segundo dia da nova política cambial, as expectativas do mercado continuam ruins e a aposta é que o Banco Central terá que alargar mais a banda cambial ou, mesmo, abrir para a livre flutuação. Ontem, em nota oficial o presidente do BC, Francisco Lopes, sustentou que são “absolutamente improcedentes e invérídicas as especulações do mercado sobre a possibilidade do regime de flutuação do câmbio” e avisou que está com total disposição de usar “as reservas cambiais e as taxas de juros para defender a política cambial”. Lopes nem poderia dizer nada diferente agora.

É prematuro julgar os resultados da política de bandas largas. Nos seus dois dias, ela produziu uma saída de dólares de pouco mais de US\$ 2,6 bilhões, juros ainda mais altos, bolsas de valores em baixa e uma dose considerável de insegurança. No governo

todos concordam que será preciso esperar ainda mais uns dias para que os mercados se acalmem e se adaptem às novas regras. O secretário de Política Econômica do ministério da Fazenda, Amaury Bier, acha que “é um processo complicado deixar o mercado se encontrar sozinho porque, às vezes, ele exagera, excede nos seus movimentos”, mas acredita que “as expectativas vão se ajustar”. A nota do BC diz que “é absolutamente natural que o mercado se mostre nervoso num momento de adaptação às medidas adotadas” e que a instituição “oferecerá a liquidez necessária para defender o regime de bandas cambiais”.

Os analistas econômicos se dividem. José Augusto Arantes Savazine, diretor da consultoria Rosemberg e Associados, acha que o BC terá que ampliar bem mais a banda de flutuação da taxa de câmbio – algo ao redor de R\$ 1,30 para o piso e R\$ 1,45 para o teto – e assumir sem constrangimentos a desvalo-

rização do real. “Ou o BC faz um movimento rápido ou terá que entregar as reservas cambiais a R\$ 1,32”, diz ele.

O governo desvalorizou a moeda, trocou o presidente do Banco Central e o Congresso Nacional aprovou, anteontem, várias medidas do ajuste fiscal. Mesmo com esses três fatos relevantes na economia “as expectativas não melhoraram e isso é grave”, avalia Nathan Blanche, da consultoria Tendências. Para ele, essa constatação é mais desencorajadora do que as saídas de dólares do país, que estão mantendo um fluxo regular num ambiente de indefinição.

O anúncio do diretor de fiscalização do Banco Central, Cláudio Mauch, de que pretende deixar o governo, mas aguardará um substituto, feito ontem à tarde, foi considerado inoportuno pelo próprio governo e só veio piorar os ânimos, espalhando boatos de troca de toda a diretoria do BC e, mais ainda, de uma possível saída do ministro da Fazenda, Pedro

Malan. A justificativa desses boatos é de que a posição de Malan teria ficado mais frágil com a demissão de Gustavo Franco da presidência do BC e a quebra do compromisso de que não mexeria no câmbio. Mas isso não significa que ele deixará o governo.

Em situação mais difícil ficaram os que têm dívidas em dólar, que viraram seus passivos crescerem 9% dia para a noite. São, no total, cerca de US\$ 220 bilhões de dívidas atreladas à variação da taxa de câmbio. Destes, uns US\$ 90 bilhões correspondem a débitos do setor público. Os US\$ 1130 bilhões restantes estão em poder do setor privado e nem todos se cercaram de proteção através de “hedge”.

O Banco Central tem, no limite, uns US\$ 70 bilhões de disponibilidade cambial e os juros para jogar o jogo e tentar ganhar a queda de braço com o mercado. E é isso que ele fará, conforme está dito na nota oficial escrita por Francisco Lopes.